

# Coluna é ponto fraco do novo presidente

Tina Coelho

O presidente Fernando Henrique Cardoso tem um ponto fraco: a coluna. Ontem, ela não resistiu às tensões da posse e doeu.

Doeu tanto que nem as agulhas da acupunturista Edna Nischia resolveram o problema, provocado por uma antiga hérnia de disco que por oito vezes já levou o presidente à mesa de cirurgia.

Edna, acupunturista paulista, chegou na sexta-feira a Brasília especialmente para cuidar das costas do presidente, que doíam desde o início da semana. Ontem, Edna entrou às 10h35 no Palácio do Alvorada e só saiu às 14h10, depois de aplicar uma longa sessão de acupuntura em Fernando Henrique.

**Manco** — Apesar do esforço de Edna, que também socorreu o cliente durante a campanha ao Planalto, o presidente passou as duas horas e meia das solenidades de posse, na tarde de ontem, andando com as costas tensionadas e com a coluna rígida. Chegou até a mancar um pouco da perna direita.

Aliás, esse é um ponto fraco que parece ter contaminado boa parte da nova equipe de governo.

O ministro das Comunicações, Sérgio Motta foi internado às pressas no Hospital Sarah Kubitschek, na noite de sábado, com dores na coluna (ver matéria na página 16).

E a jornalista Ana Tavares, assessora de Fernando Henrique, passou a semana reclamando de incômodo nas costas.

**Torradas** — Depois de passar um réveillon rigorosamente familiar, apenas com a mulher, as filhas e os netos, Fernando Henrique acordou ontem às 8h30 e tomou um café da manhã leve: torradas, queijo, suco e café com leite.

Durante toda a manhã e começo da tarde de ontem, o entra e sai no Palácio da Alvorada foi grande. O maior movimento era de seguranças.

Raimundo Manoel dos Santos, barbeiro de Fernando Henrique, também foi ao Alvorada e deixou o cabelo do cliente impecável.

Ao sair do Palácio, às 16h09, para a cerimônia de posse, FHC tinha o cabelo rigorosamente penteado, nenhum fio fora do lugar.

**Tombo** — Com um terno preto e na companhia de sua mulher, dona Ruth, o presidente foi num Ômega preto até a Catedral de Brasília. Na escolta, 15 batelões da Polícia Militar, do Exército, da Marinha e da Arenáutica.

Do Palácio à Catedral, Fernando Henrique optou por fazer o caminho mais longo. Foi até a L2-Sul e conseguiu demorar 15 minutos para chegar à Esplanada.

Resultado: apareceu cinco minutos atrasado, e a solenidade oficial só começou às 16h20, e não às 16h15 conforme mandava o protocolo.

Foi em frente à Catedral que o presidente encontrou o vice-presidente Marco Maciel e trocou o Ômega pelo Rolls-Royce conversível.

Ao subir no *hollywoodiano* automóvel, o presidente se distraiu conversando com o capitão Márcio e por pouco não caiu no banco da frente do carro.

Foi salvo pelos ombros de Clóvis Carvalho, o assessor de todas as horas, que estrategicamente estava sentado na frente do presidente.

Com a discrição própria da era FHC, o novo presidente da República disfarçou as dores da coluna com uma inquieta mania de arrumar o terno. Afinal, foram três horas de emoção e raras cadeiras por perto.

Muita emoção, mas nenhuma lágrima presidencial. O único choro solene foi o de Ana Tavares, que ao ver Fernando Henrique subir a rampa não resistiu. “Estou me segurando desde o dia 3 de outubro. Agora não dá mais”, desabafou.



Apesar das dores, Fernando Henrique resistiu bem à maratona da posse